

**BOUCHERVILLE, Gisele; CIRINO, CARLOS;
RESENDE, Maria Leônia (Org). 2022.**

**Mundos Entrelaçados:
Perspectivas de Si e do Outro.**

Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação, 286p.

Emerson da Silva Rodrigues^a

O livro aglutina diversos pesquisadores indígenas e não indígenas, com a inserção dos indígenas no ensino superior nas últimas décadas, produzindo o conhecimento indígena, e ação decolonial, promovendo rupturas epistemológicas emergenciais a partir das praxeologias epistêmicas indígenas protagonizadas na produção intelectual acadêmica indígena, ou mesmo dentro das universidades na docência dos professores indígenas. O livro está dividido na primeira parte intitulada *Aqueles que falam de si*, apresentada por intelectuais pesquisadores indígenas que apresentam com muita propriedade todo o seu universo cultural, cosmogonias e as cosmovisões. Esse exercício tem produzido textos adensados sobre a ciência indígena narradas pelos intelectuais produzindo ciência de referência indígena amazônica. O protagonismo intelectual indígena vem produzindo diante da ciência ocidental, rupturas epistêmicas com os seus trabalhos adensados a partir da ciência indígena proporcionando a produção e abertura de um *lôcus* da ciência indígena.

^a Universidade Federal de Roraima. Antropólogo, Consultor no Departamento Jurídico do CIR Conselho Indígena de Roraima. Email: emersonbv_rr@yahoo.com.br <https://orcid.org/0000-0002-9696-9398>

A segunda parte da coletânea apresenta os textos dos pesquisadores que fazem pesquisas ‘sobre e com’ os povos indígenas, intitulado *Aqueles que falam do outro*, com uma produção que trata da temática indígena em diversos campos e contextos acadêmicos. Do encontro dessa rede de produção acadêmica por parte dos autores indígenas, com os não indígenas, versa sobre uma produção e campo antes exclusivo ocidental e não indígena como produtor da ciência oficial da história e das narrativas. A autoria intelectual, acadêmica e científica indígena, se insere com muita propriedade, essa produção indígena da rede com tessituras adensadas sobre o seu universo cultural e científico, revisando ou como sugerem os organizadores na apresentação do livro, coloca em ‘cheque’ a versão da ciência oficial e da academia ocidental. Ao mesmo tempo que não pode deixar de refletir sobre uma assimetria de campo entre esses espaços de visibilidade e de produção, se antes não se ‘arranhava a superfície da realidade’. Agora os indígenas têm produzido e protagonizado esse *lôcus* da ciência indígena que ainda é muito recente. Podendo ser elencado nessa rede de intelectuais, pensadores, artistas, pesquisadores e de professores indígenas, como a professora universitária do povo indígena Mura a Mestra Maria Auxiliadora, fundadora e idealizadora do Instituto Insikiran, Ailton Krenak, David Kopenawa, Gersem Baniwa. E o próprio Jaider Esbell com uma produção intelectual literária, artística e plástica que criou uma escola *Jaideriana Esbelliana* com um conceito e ‘cânone’ genuinamente indígena que ele denominou de AIC *Arte Indígena Contemporânea*, uma ciência das artes indígenas, sem a nódoa da arte, conceito, escola, dos cânones ocidentais, epistêmicos acadêmicos não indígenas. Jaider não gostava de ser nominado como ‘artista plástico’, se intitulava “eu sou um ativista indígena, faço arte indígena”, rompendo com o conceito das artes plástica, e inserindo a figura e o protagonismo do ativista indígena sem a tutela acadêmica, conceitual, ocidental das artes plásticas vigentes.

Para esta resenha quero explorar o capítulo de Dilson Domete Ingarikó professor, intelectual, pesquisador, linguista, e liderança indi-

gena. Para ciência e um índice de referência senão de ruptura, os *Ingarikó* habitam a Região *Wü Tüpi* (Serra do Sol), na TIRSS Terra Indígena Raposa Serra do Sol – Roraima, tem como o seu demiurgo *Siiki* e não (*Makuna’Imi/Makunaima*) ver (Rodrigues 2006; 2013), que habita em cima de *Wayaka Yek* na língua *Ingarikó*, que (Koch-Grunberg 1911-1913) registrou como ‘*Wazaká*’ a ‘Árvore da Vida’ representado por um troco de uma árvore que é o Monte Roraima. Dilson registra que existem diversas territorialidades que funcionam como fronteiras físicas, com a presença de diversos povos indígenas que considera como fronteiras linguísticas, no triplice fronteira Brasil-Venezuela-Guyana no circum-Roraima (Colson 1985), e que utilizam o aprendizado de outras línguas indígenas e dos estados nacionais como um instrumento de apreensão do conhecimento.

Mais um índice de ruptura na literatura vigente sobre ‘*Wazaká*’, Dilson registra que somente a palavra *Wazaká* isolada não tem significado, segundo a cosmovisão dos *Ingarikó* é grafado da seguinte forma “*Wazaká Yek*” como fonte de conhecimento e sabedoria, senão a própria ciência *Ingarikó*. Na mitologia *Makuxi* (*Macuxi/Macusii*), *Makunaimë* (na língua *Ingarikó*) é irmão de Anikê e Insikiran os demiurgos *Makuxi*, no entanto na cosmovisão dos *Ingarikó* Insikiran e Anikek são poderes de *Makunaimë* e não irmãos. Anikek é o poder da ciência, mediação e execução, de ataque e de defesa, quando era utilizado por *Makunaimë* para transformar os seus inimigos e/ou animais em pedra.

Wazaka yek produzia vários frutos e as suas raízes se espalhavam por todo o mundo e os galhos com frutas do mundo, quando *Makunaimë* e Insikiran cortam a árvore foi com o interesse de compartilhar “as frutas da sabedoria” que continham sabedorias com bondades e maldades da mesma forma com frutas comestíveis e outras venenosas. Segundo Dilson, a sabedoria reside no cuidado com a natureza e em compartilhar com todos essa sabedoria, elenca que a ciência não indígena denomina quem é humano, e completa na cosmovisão *Ingarikó* “os humanos são animais” que ensinaram os humanos a “plantar, colher, escolher as frutas e sementes que poderiam comer.” É nesse

processo com os animais, que os homens aprendem que frutas poderiam comer, com a participação de todos esses animais, que de acordo com Dilson tem seus territórios, e o “homem não tem território”, e apreendem com os animais.

Na morte da Terra, Dilson relata, que se uma semente ou animal morre ao redor do mundo, se reflete diretamente matando parte da árvore *Wazaka Yek* o próprio Monte Roraima, e se os animais desaparecerem forem mortos, o mundo responderá com fogo e água, e o Monte *Roraimë* vai chorar, e esse choro vai matar a terra e toda a vida animal e humana na terra. Os animais dependem das frutas do *Wazaka Ye*, do Monte Roraima, e os próprios Ingarikó retiram o seu conhecimento e sabedoria de vida e de cura dos movimentos e crescimento das plantas segundo Dilson, e faz a analogia do corte de uma raiz com o corte de uma veia que produz a morte.

E que as palavras de origem indígena no processo das traduções, quando aportuguesados não tem significado, sendo esvaziados de sentido, tendo como exemplo *Wazaka Ye*, Monte *Roraimë/Rora’Imi* (azulado ou verde) e não *Roráima/Rorãima/Rorâima*, *Ruraima*, bem como o monte *Caburái* escrito e pronunciado incorretamente, o certo é *Kaburai/Kaburái* que significa “queda da água que cai do céu” que fica no ponto mais setentrional no extremo norte do país. Esse esvaziamento de tradução e sentido das palavras indígenas quando aportuguesadas incidem em falta de sentido, retirando a polissemia das palavras nas línguas indígenas, e gerando o que Dilson denominou de monocultural.

Referências:

- BUTT COLSON, A. J. 1985. “Routes of Knowledge: An Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guianas Highlands.” *Antropológica*, 63-64:103-149.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2006. *Do Roraima ao Orinoco, v.1: Observações de uma Viagem pelo Norte do Brasil e pela Venezuela durante os Anos de 1911 a 1913*. São Paulo: UNESP.

RODRIGUES, Emerson S. 2006. “Makunaima com ‘K’ e sem acento.” Boa Vista-RR, 15/05/2006. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/fbv/noticia.php?id=9047>.

RODRIGUES, Emerson S. 2013. *Economia e Produção Ingarikó*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 160f.

Recebido em setembro de 2024.
Aprovado em dezembro de 2024.